

AS MISSOES BOLIVARIANAS COMO AGENTE TRANSFORMADOR DA SOCIEDADE VENEZUELANA.

KLEICER CARDOSO ROCHA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC

Rua Rafael Bandeira, nº169, ap 101. cep 88015-450. Centro – Florianópolis –

Santa Catarina – Brasil

kleicer@gamil.com

RESUMO

Desde o período de colonização as sociedades latino-americanas vivem sobre o jugo europeu, sendo explorados em seus recursos naturais, em suas terras, e através da sua mão de obra, estas explorações vão caracterizar as classes sociais de hoje, e agravar as disputas de poder de todas as riquezas naturais (na Venezuela – petróleo e recursos minerais). Este artigo tem por objetivo fazer uma análise da aplicação dos recursos financeiros do petróleo da Venezuela nos projetos sociais chamados de missões bolivarianas, que de certo modo foram vivenciados no mês de janeiro de 2006 durante período da realização do Fórum Social Mundial em Caracas Venezuela. Através da pesquisa bibliográfica, foram analisados obras e artigos de autores que descrevem as problemáticas da América Latina e principalmente Venezuela, desde sua formação e composição até as conjunturas da atualidade, e em especial os movimentos populares. Percebe-se que as missões bolivarianas estão transformando o modo de vida dos venezuelanos, na medida em que o acesso à educação e saúde, principalmente, estão chegando aos mais necessitados. Uma conquista dos movimentos populares na Venezuela que consagra o êxito da Revolução Bolivariana, como projeto soberano para atender todo o povo.

Palavras-chave: *Venezuela. movimentos sociais. missões bolivarianas. poder popular.*

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste ensaio é descrever as profundas transformações ao qual estamos assistindo no mundo de hoje, principalmente na América Latina, onde se levantam as forças populares dando legitimidade a governos de esquerda, como o que ocorreu recentemente na Bolívia, no Equador, na Nicarágua, no Uruguai, e principalmente na Venezuela onde se vê com mais força a atuação do poder popular, com os movimentos populares indo às ruas protestando e exigindo seus direitos e acima de tudo exercendo sua participação no processo político do estado.

Foram analisadas as idéias de Nildo Ouriques, Marta Harnecker, Richard Gott, entre outros autores, como também artigos de jornais e revistas a respeito da América Latina. Todos engajados em descrever as constantes transformações apresentadas pelo espaço geográfico da sociedade latino americana, e especialmente o processo revolucionário bolivariano da Venezuela. Principalmente uma saída de campo à Venezuela onde foi possível acompanhar de perto as missões bolivarianas na comunidade de El Junko no Estado de Vargas.

Este processo busca trazer mudanças marcantes na sociedade, principalmente para aqueles que ficaram marginalizados por todo este tempo, esquecidos pela elite local, herdera dos colonizadores. Viviam indignamente, num sistema injusto e humilhante, pois não tinham acesso à educação e saúde, dois aspectos de suma importância para o ser humano. Com a aplicação das “misiones” há uma tendência à eliminação dos marginalizados, buscando assim igualar a sociedade, dando direitos a todos. Isso foi possível graças às políticas governamentais de esquerda, repudiando assim o neoliberalismo e o Estado mínimo.

Na primeira parte temos uma descrição da localização geográfica da área vivida e estudada, com uma abordagem das principais características físico-humanas. Analisa-se a seguir a conjuntura do nascedouro da revolução Bolivariana na Venezuela, discutindo: como, de que forma, e porque os movimentos de massa venceram a luta contra a elite apoiada pelo capital externo. Em seguida, uma apresentação da Constituição Bolivariana, que serviu como agente impulsionador das mobilizações populares, em defesa do projeto nacional venezuelano.

Por ultimo, uma análise das missões bolivarianas na Venezuela, com uma descrição preliminar dos resultados apresentados por essas políticas afirmativas, analisando as áreas de educação, saúde, alimentação, entre outras na qual se pode acompanhar na pratica.

2 – LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA ESTUDADA

Na comunidade El Junko – Estado de Vargas, foi possível realizar um estagio de vivencia e desta forma entender um pouco mais do processo revolucionário na Venezuela. Foram feitas entrevista com uma família bolivariana, Pablo e Haneke, no convívio do dia a dia na qual foi possível entender de maneira mais clara a historia recente do que se passa na Venezuela.

O Estado de Vargas se encontra no norte da Venezuela, sendo o ultimo estado venezuelano a ser constituído em 1998, quando se separou do Distrito Federal. Está situado na costa do mar do Caribe, sendo um atrativo turístico suas praias como: Chuspa, Camuri Chico, Los Caracas, combinado com penhascos das montanhas da Cordilheira da Costa, que chegam ate o mar do Caribe, o turismo se apresenta como uma atividade econômica muito rentável para o estado. A Capital se encontra na cidade de La Guaira com aproximadamente 26 mil habitantes distando apenas 30km da capital Caracas. Em La Guaira se encontra um dos portos mais importantes na nação venezuelana, por onde escoa grande parte da produção de petróleo da Venezuela, e por onde entram a maior parte das importações.

A economia do Estado de Vargas se desenvolve praticamente através do turismo, na sua larga costa com o mar do Caribe, e na prestação de serviços. Na paróquia El Junko, onde ficamos, no ocidente do estado, a atividade de destaque é a agricultura. Porém a família onde nos hospedamos, apesar de morar numa área rural, trabalhava no setor de serviços, Pablo trabalha com musica, e Haneke trabalha como guia turística da Venezuela.

No Estado de Vargas, a faixa litorânea no mar do Caribe perto de Caracas, foi vítima do maior desastre natural na história da Venezuela, pois as constantes chuvas provocaram grandes deslizamentos nos dias 15 e 16 de dezembro de 1999, fazendo varias vitimas fatais, entre 10 mil e 30 mil, não se sabem ao certo.

3 AS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS NA VENEZUELA – REVOLUÇÃO BOLIVARIANA

A fim de entendermos todo o processo que gerou a revolução bolivariana na Venezuela, necessitamos entender como está estruturada as classes sociais venezuelanas, ou seja, analisar os pólos de poder que estão diretamente ligados a revolução. Podemos classificá-los como as classes a favor da revolução bolivariana, e as classes contra a mesma. Este é o ponto de partida para entendermos a conjuntura do golpe ocorrido na Venezuela em abril de 2002.

O divisor de águas na Venezuela, como em todos os países latino americanos, é a questão da política adotada pelos governos. Antes de Hugo Chavez tomar o poder em 1998, eleito democraticamente, os governos, principalmente a “social democracia” de Carlos Andrés Perez, aplicavam a política neoliberal, esta política é veementemente defendida pela classe da oligarquia, ou seja, os banqueiros que lucram com as políticas governamentais de juros altos, os grandes exportadores que lucram com os dólares na exportação, além do que são os privilegiados na aquisição de recursos financeiros do Estado, os latifundiários, os empresários da mídia monopolista, que trabalha a informação para seus próprios interesses. A oligarquia venezuelana é um agente importante para as políticas externas dos EUA, que tem interesses nos recursos naturais (petróleo) da Venezuela, pois hoje representa aproximadamente 15 % de todas as importações de petróleo dos norte-americanos.

Por outro lado temos as classes anti-políticas neoliberais, a favor de uma política nacionalista (projeto bolivariano). Esta classe é representada por camadas da classe media baixa - pequena burguesia independente - (artesãos e pequenos comerciantes), pela classe média assalariada, por militares médios e soldados, pelos camponeses, e por uma parte da classe operária do petróleo. A classe da burguesia é dividida ainda entre os nacionalistas e os neoliberais, os nacionalistas são os comerciantes do mercado interno, e uma parte que trabalha na petrolífera PDVSA, os neoliberais são a burguesia industrial, ou seja, porta voz do capital estrangeiro, são os empresários que se acham donos da PDVSA, estão ali para brigar pelos interesses estrangeiros (FEIJÓO, 2005). Engels disse que as classes dominantes protegem seus interesses através do poder de Estado. Isto foi o que se viu até Chavez tomar o poder.

Com isso, podemos observar que a grande parte do povo venezuelano está a favor das políticas nacionalistas, aprovando desta feita o projeto bolivariano. Foi o que ficou evidenciado no pleito à presidência da Republica da Venezuela de 1998, como também no plebiscito de 2002, quando a mobilização popular dos camponeses, dos professores, dos estudantes, da burguesia nacionalista, dos operários, e das classes medias e baixas em geral, foram às urnas e votaram a favor de Hugo Chavez e do projeto Bolivariano. Sem dúvida um marco na historia da Venezuela, que a partir de então colocou um ponto final nas políticas neoliberais, dando ao povo venezuelano novas esperanças de vida, novas perspectivas para a nação, que ganhou independência e força política e popular, rumando à uma sociedade mais participativa e justa.

Segundo Marx:

“... a medida que diminui o número dos magnatas capitalistas, que usurpam e monopolizam todas as vantagens desse processo de transformação, aumentam a miséria, a opressão, a escravidão, a degradação, a exploração; mas, crece também a revolta da classe trabalhadora, cada vez mais numerosa, disciplinada, unida e organizada pelo mecanismo do próprio processo capitalista de produção.” (MARX ,1880, p. 881 - grifo nosso)

Como descreve Marx, o processo dialético tornou-se possível na Venezuela, onde os trabalhadores marginalizados organizaram a revolta popular contra os interesses dos imperialistas, representados na Venezuela pela oligarquia, e conseguiram fazer com que prevalecessem os interesses nacionalistas, ou seja, fazendo com que os recursos naturais da Venezuela sejam aplicados em políticas afirmativas para o povo venezuelano. Isso ficou claro quando o povo foi à rua para defender Chávez e o projeto bolivariano.

4 GOLPE E CONTRA GOLPE

As classes dominantes estavam sendo atingidas pelas políticas afirmativas do projeto Bolivariano, que começava distribuir os excedentes do petróleo, para as populações mais marginalizadas. Como o interesse da elite estava sendo afetado, criou-se um golpe de Estado (11 de Abril de 2002) contra o presidente Hugo Chavez, patrocinado pelos norte-americanos, que tem reais interesses no petróleo venezuelano a um preço muito menor, e que o abastecimento seja garantido, pois representa uma quantia muito grande, cerca de 15% de toda exportação norte-americana. A elite venezuelana reivindicou o golpe em favor da democracia e da livre liberdade para o povo da Venezuela, pois segundo a mesma o governo está cerceando as liberdades dos cidadãos venezuelanos.

Mas o que ocorre na verdade é que o governo de Hugo Chavez representava um problema para as políticas neoliberais, ou seja, o capital financeiro transnacional estava perdendo vez na Venezuela, os mais prejudicados são os bancos e os grandes especuladores estrangeiros. Este golpe que a elite deu contra o presidente Hugo Chavez, junto com os norte-americanos, foi também um golpe contra os interesses da maioria do povo venezuelano, que se mostrou totalmente contra, e para surpresa da elite, fizeram um contra golpe, recolocando o presidente Hugo Chavez no poder.

Segundo Feijóo (2005, p. 15-16) “O propósito de Chávez [...] não se trata de avançar para um sistema não capitalista no país, mas para um capitalismo diferente: desenvolvimentista e industrial, com um conteúdo mais democrático”. Foi por causa deste conteúdo mais democrático, de distribuição de renda, que beneficia as classes menos favorecidas que os movimentos sociais populares tomaram todas as ruas de Caracas (estimativa de um milhão de pessoas) e fizeram o contra golpe, depondo Carmona (líder do

sindicato dos empresários), e recolocando Hugo Chavez Frias no poder, a fim de continuar beneficiando, com os projetos bolivarianos, as classes menos favorecidas.

Segundo o depoimento de Pablo e Haneke, a família hospedeira, no golpe os meios de comunicação do Estado foram cortados, só se sabia das notícias a partir da grande mídia, justamente a mídia que ajudou a construir o golpe distorcendo os fatos para a população. Sem mídia, “a população começou a se comunicar através dos celulares”, pois queriam saber a verdade, se Chávez havia ou não renunciado, porém os celulares também foram cortados. Sem nenhum tipo de comunicação os agentes comunicadores foram às motocicletas que passavam de povoado em povoado a fim de apresentar os fatos verdadeiros, visto pela TV a cabo, de que Chávez não havia renunciado, e de que se tratava de um golpe de Estado. Com isso, o povo de todas as partes de Caracas e arredores alcançaram as ruas e marcharam até o palácio Miraflores (sede presidencial) em Caracas, com o claro objetivo de apoiar Chávez e pedir a sua volta imediata. A massa popular não deixou a frente do palácio de Miraflores enquanto o presidente Hugo Chávez não retornasse ao poder, e isso só foi acontecer de madrugada.

5 CONSTITUIÇÃO BOLIVARIANA – PODER POPULAR

A Constituição Bolivariana da Venezuela tem como objetivo a participação popular no processo decisório das políticas venezuelanas. O que até então se via, era um extremo processo de marginalização, ou seja, exclusão das pessoas que mais necessitavam da ajuda do Estado democrático. Esta marginalização não ocorre somente na Venezuela, mais sim em todo Continente Latino Americano, onde os benefícios do progresso econômico ficam nas mãos da minoria, a elite favorecida com os privilégios políticos. Isso ocorre devido ao modelo político adotado, que descarta a participação popular diretamente nas decisões, desta forma, mantendo os privilégios das classes abastadas, que permanecem desde sempre no poder.

Este processo político começou a mudar na Venezuela, com as eleições presidenciais de 1998, onde o então candidato Hugo Chavez assumiu o compromisso de convocar uma Assembléia Nacional Constituinte, a fim de mudar o quadro político na Venezuela. A Assembléia teve vários opositores, justamente aqueles que queriam manter seus privilégios, ou seja, a classe dominante representados pelos políticos conservadores, empresários do petróleo, juizes, jornalistas, e uma mídia reacionária. Mas também teve o apoio dos menos favorecidos, que ficavam sempre esperando os mesmos políticos prometerem melhores condições de vida, sem numa melhorar, ao invés, cada vez piorava

mais, com a aplicação das políticas neoliberais, onde desestruturava o estado. É bom lembrar que os camponeses, os trabalhadores, os estudantes, formavam a maioria, que acabaria por colocar Hugo Chavez no poder, e provocar um choque de mudanças na Venezuela.

Segundo Vieira (2005, p. 66)

“finalmente, em 15 de dezembro de 1999, o texto da Constituição da Republica Bolivariana da Venezuela foi submetido ao referendo popular [onde] mais de setenta por cento dos venezuelanos deram sim à nova Constituição que alteraria decisivamente o sistema político do país”.

Após a aprovação da Constituição Bolivariana, a elite venezuelana entrou num processo de crise, onde via seus privilégios sendo destituídos um a um. Com isso, articularam o golpe de Abril de 2002, como foi explicado acima. Sem êxito, pois o povo foi às ruas com o propósito claro de garantir a sua vontade, legitimando a Constituição Bolivariana.

Antes na Venezuela, imperava o Estado legislativo parlamentar onde segundo Vieira (2005, p. 72) “o direito se manifesta na forma da lei, é direito o que é lei”. É desta forma, que a elite consegue manter os seus privilégios, apoiando seus candidatos, para que os mesmos quando estiverem no poder criar as leis segundo seus interesses particulares de quem ajudou na eleição. E após a consolidação da lei, se aplica como sendo o estado de direito. O que se vê são as aplicações das políticas neoliberais, onde os direitos dos trabalhadores estão sendo extintos em benefício do capital especulativo, das grandes transnacionais.

Porém na Venezuela, o império da lei está sendo destituído, onde a figura do referendo é de fundamental importância dentro da Constituição Bolivariana, dando ao povo a liberdade de decisão, e não mais de representação. Isso sim é democracia, onde o povo tem participação fundamental, pois é sobre suas vidas que esta se legislando. E nada melhor que o povo para decidir sobre seu futuro. Para Vieira (2005, p. 72-73) o Estado administrativo “é quando o comando e a vontade não são autoritários nem pessoais [e é o mais] adequado para levar a cabo transformações (...) revolucionarias”. Como a que se passa na Venezuela Bolivariana.

Com um estado administrativo o parlamento não tem a decisão final sobre o destino da nação, desta forma fica impossível para o lobby externo manipular a opinião publica de forma geral, pois não serão apenas alguns deputados e senadores, que tem que aprovar tais projetos de lei, mais sim, toda a população tem que dar seu parecer. E esta de acordo com a Constituição Bolivariana, tem a liberdade de tomar a iniciativa de propor projetos de lei e levar à referendo, como também revogar, os chamados referendo revogatório. Estamos diante de uma verdadeira democracia, não apenas representativas como as que temos nos países Latino-Americanos, e que estão falidas, não apresentando soluções para as pessoas de bem da

nação, mas sim aos financiadores estrangeiros, no Brasil temos o exemplo das MP – Medidas Provisórias, onde acontecem as votações sem a população saber os objetivos claros. Em outras palavras está em processo de morte.

A Constituição Bolivariana nos dá uma noção do poder popular na Venezuela, onde:

“o artigo 70 prevê, além da consulta popular e do referendo, a iniciativa legislativa, constitucional e constituinte. O condicionante de sua validade ao consentimento popular é previsto por meio das diversas formas de referendo: o consultivo, o confirmatório, o ab-rogatório, e o revogatório (artigos 71, 72, 73, 74). Igualmente os decretos presidenciais com força de lei, previstos no parágrafo 8 do artigo 236, estão condicionados à aceitação popular”. (VIEIRA, 2005, p. 75 – grifo nosso)

Desta forma, temos o povo com o poder soberano em suas mãos. E assim, na Venezuela não se governa mais para atender aos interesses próprios, mais sim para o bem da coletividade, como tem demonstrado os inúmeros referendos que tem acontecido na Venezuela, e que o povo participa, com o objetivo da coletividade. O Estado fica fortalecido, soberano, governando para os seus e pelos seus, onde o governante fica com a função de redigir as leis, e o povo com a função da decisão final.

6 POLÍTICAS AFIRMATIVAS NA VENEZUELA BOLIVARIANA

Com a Constituição Bolivariana aprovada, tornou-se possível colocar em pratica o projeto bolivariano, com atendimentos em todas as áreas em que a população precisar. Um dos projetos é a Misión Robinson, com resultados concretos de alfabetização de aproximadamente um milhão e trezentos mil venezuelanos: camponeses, pescadores, trabalhadores, e prisioneiros, em apenas um ano, dados do Ministério da Educação e Desporto da Venezuela. Esta missão tem um método participativo de educação popular, onde os jovens de todas as universidades venezuelanas atendem nas comunidades antes negadas ao direito de ler e escrever, de ir à escola. Estes jovens recebem (alguns) bolsas para alfabetizar os venezuelanos, outros lecionam como voluntários, já são mais de cem mil voluntários ao todo, na maioria das vezes são universitários. Outros a lecionar foram os jovens militares, estes são responsáveis pelos lugares mais distantes, a fim de que todos sejam beneficiados com os projetos Bolivarianos. Esta missão já apresenta resultados incríveis, como o divulgado pelo jornal Brasil de Fato de 9 de novembro de 2005, onde estampa em sua capa “Venezuela livre do analfabetismo”, segundo o jornal, na Venezuela “foi declarado território livre de analfabetismo pela Unesco”.

O resultado final não é somente a alfabetização, mas sim, colocar estes cidadãos como agentes também das decisões a serem tomadas pelas políticas de estado. Para Moysés (2005,

p. 84) “tirar os iletrados da obscuridade eleva a auto-estima não só deles, mas de milhões de seres da comunidade, pois com isso se desencadeiam sentimentos solidários e energias de transformação social difíceis de mensurar”.

A Misión Barrio Adentro, tem como objetivo atender a população na área da saúde, com um total de 11 mil médicos e 2500 dentistas cubanos e 800 venezuelanos, este projeto foi possível ver na prática funcionando na paróquia de El Junko, na comunidade de El Pueblo. Este projeto funciona através de um acordo entre Venezuela e Cuba (2001), onde Venezuela troca o seu recurso natural (petróleo), 53 mil barris de sua produção diária, por ajuda em recursos humanos, com médicos e medicamentos, dentistas, e na alfabetização com professores, além de utilizar o método cubano de ensino. Estes médicos e dentistas se instalam nos morros dos bairros pobres de Caracas, e nas cidades mais pobres, onde prestam um atendimento básico à população, como controle da pressão arterial, vacinar as crianças, atender os asmáticos, fazer partos. O objetivo é a medicina preventiva, onde também ensinam as pessoas a não depender de remédios. Somente em necessidades se usam remédios, e ainda são de Cuba, com mais de 100 variedades. É bom lembrar que tudo isso é feito de graça, antes estas pessoas, dependiam de hospitais particulares e só no centro de Caracas, porém não tinham dinheiro para pagar, ficavam em casa doentes. Agora além de ser instalado um posto de atendimento perto de casa, são feitos os atendimentos tudo de graça. Quando o caso é mais grave, e se precisa de cirurgia o paciente é levado para os hospitais de Cuba, o que já ocorreu com mais de 17 mil venezuelanos.

Interessante notar os depoimentos dado por um morador de um dos bairros pobres de Caracas ao jornal Brasil de Fato (Outubro 2004) “Tivemos que terminar de construir a casa. Um morador trouxe a mesa, outro fez a maca, outro doou os blocos e o cimento e, assim, construímos juntos”, e o terreno também foi doado por um dos moradores. Antes “aqui muita gente morria por falta de socorro” diz outra moradora. Os dados do Ministério da Saúde (Brasil de Fato – out/04) são surpreendentes, mais de 43 milhões de consultas, 16 mil pessoas foram salvas, e 810 partos foram realizados até julho de 2004.

Outra Missão é a Misión Mercal, tem como objetivo vender alimentos a preços mais baixos, subsidiados às classes populares. Segundo Hugo Chávez, em seu pronunciamento na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2005, já foi distribuído cerca de 1,7 milhões de toneladas de alimentos subsidiados pelo governo bolivariano, atendendo mais de 8 milhões de venezuelanos. Isso faz com que a dieta dos venezuelanos seja de nível satisfatório, pois todos agora têm acesso a todo tipo de nutrientes, desde os mais populares aos mais caros.

Para a oposição as Misiones “não passava de uma grande campanha eleitoreira e caça votos entre um milhão de iletrados e 100 mil analfabetos que recebem pagamento, comida e créditos de um governo que pretende criar um exercito de jovens doutrinados”(MOYSÉS, 2005, p. 92). Com a distribuição de renda sendo colocada em prática pelas missões bolivarianas, as classes dominantes tentam desqualificá-lo, pois sabem que seus privilégios serão aniquilados na Venezuela Bolivariana.

Outra questão fundamental a se levantar como resultado das políticas Bolivarianas, é com relação aos meios de comunicação populares, ou seja, espaços de comunicação para todas as comunidades poderem expor suas idéias. Para que o povo possa se expressar, nada mais justo do que criar os espaços comunitários de comunicação, pois a mídia da elite não dá vez nem voz ao povo, pelo contrario manipula as informações, deixando-os a margem.

Para tanto, o governo de Hugo Chávez tem “construído centros culturais comunitários nos povoados, nos bairros, onde foram instalados pontos de internet gratuita. Tudo isso na tentativa de oferecer mais espaços para a comunicação alternativa”. (TAVARES, 2005, p. 98) É bom lembrar que grande parte da resistência ao golpe de abril de 2002 contra Chávez, foi feito pelos meios de comunicações alternativos, que passavam as informações verdadeiras do que estava acontecendo, também mobilizando o povo a ir às ruas manifestar apoio à Chávez. O numero de jornais populares passou de 100, só em Caracas, hoje resistem 40 jornais destes. Hoje já são 10 emissoras comunitárias, e 153 emissoras de rádios legalizadas. Com relação a comunicação, o programa favorito dos venezuelanos é o Alô Presidente, que chega a durar cerca de sete horas, apresentado por Hugo Chávez e seus ministros.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações que estamos vivendo hoje na América Lática encontram em cada país latino americano uma sociedade que produz o seu próprio espaço geográfico, de forma totalmente particular. Por isso, o que se passa na Venezuela, com a revolução Bolivariana, não passará necessariamente em outro país, que tem individualmente em seu ritmo de vida, seus modos de apropriação dos recursos naturais, seus projetos e seus desejos. Mas, cabe a cada movimento popular local levar a cabo as mesmas ideologias apresentadas na Venezuela, de uma sociedade igualitária e justa para todos. Pois de modo geral todos os países latino-americanos são atingidos pelas políticas excludentes do neoliberalismo, e precisam se mobilizar para vencer os interesses dos neoliberais, e instalar políticas de interesses nacionais, com projetos afirmativos para o povo.

No plano bolivariano nacionalista, o controle dos recursos estratégicos de petróleo pelo Estado venezuelano, é o meio de se aplicar uma igualitária política social de benefício a todos os venezuelanos e não mais a uma minoria, que se apossava de todos os recursos para o seu próprio bem. Por isso os excedentes econômicos do petróleo são utilizados como subsídios do Estado para financiar o projeto bolivariano, com saúde e educação (principalmente) para todos.

Os círculos bolivarianos representam hoje na Venezuela o poder popular das massas na política venezuelana, direcionando desta forma, os recursos a serem aplicados pelo governo. Desta forma temos visto em quase todos os países latino-americanos, com ou sem armas, mobilizações e lutas de todos os tipos pela soberania dos povos excluídos. Por isso, as lutas de camponeses, de trabalhadores, de estudantes, de sem terras (no Brasil o MST representa a maior mobilização de mudança), de indígenas, de desempregados, de operários, estão em constante crescimento, devido ao aumento da exclusão.

REFERÊNCIAS

- CHAUNU, Pierre. **Historia da América Latina**. São Paulo: Bertrand Brasil, 6 ed.
- FEIJÓO, José V. Venezuela: algumas lições do golpe de Estado e do contragolpe. In: **Raízes no libertador: Bolivarianismo e poder popular na Venezuela**. Florianópolis: Insular, 1996.
- GOTT, Richard. **À sombra do libertador: Hugo Chávez Frias e a transformação da Venezuela**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- HARNECKER, Marta. **Um homem, um povo**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- MOYSÉS, Raquel. Nos rastros de Don Simón. In: **Raízes no libertador: Bolivarianismo e poder popular na Venezuela**. Florianópolis: Insular, 1996.
- PAIVA, Beatriz Augusto de. O poder popular na Venezuela e a práxis bilivariana. In: **Raízes no libertador: Bolivarianismo e poder popular na Venezuela**. Florianópolis: Insular, 1996.
- SANTOS, Milton. Como reverter a globalização perversa. **Caros Amigos**, São Paulo, p. 7, mar. 2001. (edição especial – Fórum Social Mundial)
- TAVARES, Elaine. Ao povo, a comunicação. In: **Raízes no libertador: Bolivarianismo e poder popular na Venezuela**. Florianópolis: Insular, 1996.
- OURIQUES, Nildo (org.). **Raízes no libertador: Bolivarianismo e poder popular na Venezuela**. Florianópolis: Insular, 1996.
- VIEIRA, L. V. Constituinte e participação popular no processo político venezuelano. In: **Raízes no libertador: Bolivarianismo e poder popular na Venezuela**. Fpolis: Insular, 1996.